



O Artista, A Enfermeira e o Congresso Nacional.

Revista Internacional de Espiritismo, junho de 2001

Luiz Carlos D. Formiga

neufundao@hotmail.com

A Pedido da Deputada Jandira Feghali - PCdoB -RJ, foi aprovada e contando com representantes do MORHAN, CONASS, CONASEMS e Ministério da Saúde, ocorrerá no dia 10/5/2001, as 9:30 horas, no plenário nº 7, Anexo 2, da Câmara dos Deputados em Brasília, uma Audiência Pública de Hanseníase. Quando o amigo leitor tomar conhecimento, deste dia importante, a reunião já terá ocorrido. Mas o mesmo leitor verificará que a Revista "do Seu Cairbar", Internacional de Espiritismo, não deixou o fato passar em branco.

Representando o Movimento que luta pela reintegração social do hanseniano, contra o leproestigma, por melhores condições de vida e de saúde do nosso povo, está o seu Presidente (MORHAN) e, também, o excelente cantor Ney Matogrosso. Se o problema não merecesse atenção este artista não emprestaria sua imagem à causa. Gostaria de lembrar que a "imagem" rende aos jogadores de futebol uma parcela expressiva de dólares em seus contra-cheques. Gesto nobre faz o cantor que nesta hora está apenas exercendo seu direito de cidadania. E a Enfermeira?

A Hanseníase, a lepra e a Comunicação Dirigida é o título de um trabalho apresentado ao XVII Encontro Nacional dos Estudantes de Enfermagem, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará. Julho de 1994. Ficou classificado em 5º lugar entre 46 trabalhos apresentados pelos estudantes.

Naquele ano, Andréa Rosa, aluna do terceiro período da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro procurou o professor e lhe disse que gostaria de participar do encontro em Fortaleza. Ele perguntou como poderia ajudar. Ela manifestou o desejo de levar alguma contribuição dizendo:



"fiquei sensibilizada, na sua aula, com o problema enfrentado pelos doentes". Pergunta o professor: "mas qual o problema?" "O estigma da Lepra", respondeu a aluna. Pensativo, mas já fígado, o professor indaga: "quanto tempo dispomos para o projeto?" "Quinze dias", respondeu a aluna. Diante do inusitado e sem poder realizar parte experimental pergunta novamente o professor: "o que, a aluna, faz de meia-noite às seis?" Ela sem se dar por vencida responde: "posso estudar e escrever, professor". Assim, surgiu uma monografia que contou com a ajuda inestimável do professor Ricardo F. Freitas, Adjunto do Departamento de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. A aluna ficou radiante e voltou feliz de Fortaleza.

Transcrevo abaixo o último item da monografia, para que não se perca na noite dos tempos. O professor Ricardo, que fez seu doutoramento na França, deu-lhe como título: "Hanseníase e Comunicação Dirigida: uma Solução Possível".

A sociedade contemporânea trafega por extremos: os extremos da miséria, os extremos da violência, os extremos da falta de informação, os extremos do excesso de informações. As cidades brasileiras não fogem a esse imaginário, elas são paradoxais.

É quase impossível às pesquisas atuais em ciências humanas de não passar pela discussão de certos aspectos das grandes cidades contemporâneas nas quais tudo se transforma em objeto de comunicação. Como caminhos para interpretação dessas cidades, podemos lembrar as noções de caos, simulacro, tribo, decomposição, hiper-realidade, neo-grotesco operadas por inúmeros teóricos contemporâneos em todo o mundo.

Essa sociedade caótica valoriza a comunicação em todas as direções. Ao mesmo tempo, o nível de desinformação em questões básicas de saúde e educação é assustador, sobretudo nas classes sociais mais prejudicadas pelo atual sistema político-econômico.



A população brasileira, de todas as classes sociais, é alvo de inúmeras campanhas institucionais ou publicitárias que, na maioria das vezes, não alcançam seus objetivos. As classes menos favorecidas, mais do que as outras, sofrem as consequências de campanhas e projetos (de saúde, de saneamento, de nutrição, etc) que não trabalham com sua linguagem, redundando em campanhas sem efeito.

Nesse sentido, é fundamental uma maior preocupação por parte das universidades e dos centros de pesquisa em refletir sobre essa sociedade pós-mídia. Sociedade na qual as informações, além de se perderem com facilidade, são veiculadas a arquétipos da antiga classe média, não atingindo, assim, ao público em geral. O público é mais do que nunca plural. O tribalismo se acentua. A crise entre as noções de público e privado progride.

É dentro desse quadro paradoxal de desinformação aliada ao excesso de propaganda que vemos a hanseníase, doença milenar, como um típico problema de “ruído” na comunicação que só tende a aumentar na nossa sociedade caótica. A falta de conhecimento popular sobre a hanseníase faz com que a população trabalhe com arquétipos ultrapassados ligados à lepra. Falta, ainda hoje uma comunicação maciça sobre o assunto. Maciça, neste caso, não significa massiva, ou de massa. Ao contrário. Como vimos, as campanhas de massa parecem surtir pouco efeito em determinadas camadas da população brasileira. É necessário, portanto, agir dentro de uma perspectiva mais dirigida.

A comunicação dirigida destina-se a públicos específicos, pré-determinados, e conseqüentemente, mais conhecidos pelos idealizadores das diferentes estratégias de aproximação possíveis. A utilização das técnicas de comunicação dirigida se "adequam" perfeitamente ao imaginário da hanseníase: a mudança em relação à desinformação sobre a doença só se efetuará com estratégias de comunicação criativas e contínuas.



Dentro desse quadro, uma equipe de profissionais de saúde e de comunicação social necessita refletir sobre a possibilidade de incrementar, através da comunicação dirigida, o trabalho de educação realizado. Poder-se-ia estudar um projeto-piloto com dois públicos formadores de opinião: estudantes e profissionais de comunicação social e de enfermagem. Estes dois públicos, se bem informados sobre a hanseníase, podem contribuir imensamente para uma mudança no quadro social da doença nos centros urbanos e periferias.

A ação pedagógica junto a esses públicos se efetuará através de inúmeras aproximações via folhetos; cartazes; faixas; mensagens em contra-cheque, contas de luz, carnês; palestras; vídeos; cursos; outdoors; tele-serviços; etc.. Há inúmeras possibilidades de aproximação através da comunicação dirigida, porém, o mais importante é a ação contínua e integrada. E informação contínua e integrada é exatamente o que falta no Brasil sobre a hanseníase.

O Núcleo Espírita Universitário do Rio de Janeiro, <http://zap.to/neurj>, possui na sua página a campanha contra a Lepra e por isso poderá fazer chegar às mãos do leitor interessado, pelo correio eletrônico, a monografia completa. Desta forma, nós os espíritas, estaremos também, de alguma forma, oferecendo nossa pequena contribuição. Afinal dos três autores apenas o professor Ricardo não é espírita.